

Perfil e o Uso do Personagem no Jornalismo ¹

Victoria Maria Singui GUIMARÃES²

Valmir MATIAZZI³

Faesa Centro Universitário, Vitória, ES

RESUMO

O presente estudo tem o propósito de defender o uso do personagem no jornalismo, por meio dos textos de perfil. Ao misturar o jornalismo com a literatura, os perfis permitem uma abordagem mais descritiva, sensível e humana. Essas características fazem deste estilo textual, uma alternativa para construir conteúdos mais empáticas e diferentes, que chamam a atenção do leitor pela identificação e sensibilidade. Parte do jornalismo literário, o perfil inova e difere do jornalismo convencional, ao dar protagonismo a um personagem ao invés de transformá-lo em um coadjuvante de uma notícia ou fato.

PALAVRAS-CHAVE: perfil; jornalismo; personagem; jornalismo literário.

INTRODUÇÃO

Ainda que não seja essa sua principal função, o jornalismo enquanto veículo midiático, também tem o dever de apresentar novas perspectivas e propor reflexões pouco debatidas. Silva (2010) conclui que o jornalista não deve apenas mediar conflitos, também precisa observar detalhes da vida diária a fim de dar sua opinião sobre assuntos que o leitor não vivencia. Isso porque para abordar um tema o repórter precisa pesquisar, apurar e conhecer sobre ele, logo, ele terá uma visão privilegiada da qual o público não tem acesso.

No cotidiano das redações, essa proposta muitas vezes é posta em segundo plano e não há espaço dentro das chamadas hard news, uma vez que estas têm por suas características a objetividade e a instantaneidade. Todavia, dentro do jornalismo há outras

¹ Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Graduada do Curso de Jornalismo da Faesa Centro Universitário, e-mail: victoriasingui@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Faesa Centro Universitário, e-mail: valmir.matiazzi@faesa.br

possibilidades narrativas. Este artigo busca explorar as reflexões propostas sobre o universo dos textos de perfil e suas particularidades, entendendo este tipo textual como uma forma alternativa para produzir conteúdos jornalísticos mais profundos e com foco no protagonismo humano.

O perfil ou reportagem-perfil, é conceituado por Lene (2006) como parte do gênero jornalístico informativo, que pode ser inserido na categoria de notícias chamadas *feature*. Esse tipo de texto noticioso representa as informações que vão além do factual e do imediatismo, permitindo uma abordagem mais criativa e informal. É nesse segmento que se encontram as histórias de interesse humano e os perfis.

A principal característica do perfil está no protagonismo humano. Na definição de Sodré e Ferrari (1986) o significado de dar enfoque em uma pessoa, sendo ela uma celebridade ou não, está no fato do focalizado ser o protagonista da história, pois é sobre a própria vida dele.

Assim, esse tipo de narrativa se concentra mais no agente da ação do que na própria ação. Não que o fato em si não seja relevante, mas o texto de perfil tem propósito de deixar em evidência quem está vivenciando o evento. “O perfil tem como propósito identificar quem está agindo na notícia, ou seja, o personagem, e assim buscar traçar um relato quase biográfico dessa figura” (PEREIRA, 2019, p. 63).

O perfil está, então, centrado em explorar a vivência humana, as experiências, pensamentos e emoções de alguém. Para Christofolletti, Hildebrand e Ormaneze (2015, p.1) a pessoa foco do conteúdo pode ser uma celebridade ou um anônimo, o importante é que tenha uma história que “fuja do padrão”, podendo ser contada apenas um episódio ou vários da vida dela. A ideia é realçar as experiências que possam ser de interesse do público.

No caso da reportagem, o perfil se difere num quesito básico. Se a reportagem está centrada na ação e coletividade humanas, o perfil vai se centrar em algo(s) ou alguém(s), dificilmente na ação. Não interessa ao repórter que escreverá um perfil, portanto, o acontecimento jornalístico – combustível de gêneros informativos como a nota, a notícia e a reportagem. (AMATE, 2013, p. 105).

O foco, então, no personagem é a principal diferença entre a notícia convencional e o perfil. Amate (2013, p. 43,44) aponta outras características que não podem ser

encontradas na reportagem, sendo estas: Centralidade, protagonismo do personagem retratado, descrição minuciosa, complexidade, humanização, temporalidade, captação do instante. Algumas não são exclusivas do perfil, mas entram na lista comparativa entre os dois.

Quanto à estrutura textual, é importante ressaltar que o perfil não cumpre um padrão definido para estruturar a história e isso é algo que foge aos textos construídos diariamente nas redações. Para Vilas Boas (2003, p. 10), a “lógica industrial” da pirâmide invertida (quem, o quê, como, quando, onde, por quê), com lead, sublead, é irrelevante dentro do perfil. Nesse tipo de texto, há liberdade criativa para construir uma narrativa diferenciada e que valorize a história do perfilado.

Por ser o tipo de texto que enfoca o personagem, o perfil é constantemente comparado ao texto biográfico. De fato, alguns autores o compreendem como um segmento biográfico. Entretanto, é fundamental perceber que ao contrário da biografia o perfil não tem que ser um relato completo da vida de alguém, ele trará episódios significativos da vida de alguém e não toda a sua trajetória (AMATE, 2013). Dessa maneira, o jornalista pode escolher centralizar a narrativa nos momentos que são relevantes para um tema já estabelecido.

JORNALISMO LITERÁRIO E O PROTAGONISMO HUMANO

Por suas características, o perfil se enquadra como parte do Jornalismo Literário. Esse tipo de texto permite utilizar recursos não visto no cotidiano jornalístico. Por sua vez essas técnicas se aproximam muito da linguagem literária e fazem com que o autor mescle jornalismo e literatura dentro do texto de perfil. Um produto do gênero Jornalismo Literário é como um elemento híbrido. Ele possui particularidades das duas áreas, que se complementam para formar um conteúdo alternativo. Pena (2013) utiliza uma analogia musical para conceituar essa modalidade.

Assim, defino Jornalismo Literário como linguagem musical de transformação expressiva e informacional. Ao juntar os elementos presentes em dois gêneros diferentes, transformo-os permanentemente em seus domínios específicos, além de formar um terceiro gênero, que também segue pelo inevitável caminho da infinita metamorfose. Não se trata de dicotomia ficção ou verdade, mas sim de uma verossimilhança possível. Não se trata da oposição entre informar ou entreter,

mas sim de uma narrativa em que ambos estão misturados. Não se trata nem de Jornalismo, nem de Literatura, mas sim de melodia. (PENA, 2013, n/p).

Pereira (2019) entende o gênero literário possui maior liberdade de ação, sendo as possibilidades narrativas infinitas. Não há obrigação de se prender ao esquema tradicional de texto, com início, meio e fim, o formato permite construções diferenciadas. Todavia, o autor atenta que apesar dessa independência, é primordial seguir os parâmetros do jornalismo. Este gênero concede ao autor mais autonomia no processo criativo, podendo construir uma narrativa mais “fora da caixa”. Optar por esse formato é uma forma de abordar o tema sem se preocupar em apenas responder as perguntas do lead, podendo ser exploradas informações “irrelevantes” para o jornalismo, mas que fazem o leitor mergulhar na leitura.

O jornalismo “convencional”, pela limitação de espaço e imediatismo e por isso, de acordo com Vilas Boas (2003) acaba tendo dificuldades para sensibilizar o leitor por conta da objetividade. Assim, o perfil, para resgatar essa humanização, conecta-se com características da literatura que faltam no jornalismo para captar o leitor e chamar mais atenção para o texto. O autor entende que a literatura consegue algo que os veículos de notícia não conseguem: fazer o leitor se hipnotizar. Essa característica faz com que uma pessoa se interesse na história a ponto de não querer parar de ler, segundo o autor, essa é o tipo de leitura que desperta a empatia e faz quem está lendo se identificar tanto a ponto de querer ler o texto do início ao fim.

O problema é que simplesmente desapareceram as reportagens hipnotizantes, aquelas que nos fazem esquecer o pão dentro da torradeira no café da manhã, perder o ônibus ou dilatar nossa ida ao banheiro durante o horário de trabalho. Diariamente, não se vê, uma única reportagem que crie essa empatia. (VILAS BOAS, 2003, p.12).

Quando o tema em questão trata de um assunto que por si só cause identificação, como, por exemplo, uma mulher lendo sobre machismo vai se identificar com algumas situações, mas, ainda assim, é preciso criar vínculos que despertam esse sentimento. O texto de uma notícia tende a ser muito objetivo, a informação é mais importante que o sentimento dos envolvidos. Já o perfil lida exclusivamente com a pessoa e suas vivências, o que foge aos padrões dos jornais. Portanto, para Vilas Boas (2003), o perfil é um gênero jornalístico e, por isso, deve seguir os preceitos de apuração e produção, mas depende da literatura para hipnotizar o leitor.

O jornalismo por suas características tende a priorizar a objetividade. Isso porque a informação do dia a dia acompanha dados e fatos concretos e não está preocupada em representar sentimentos e despertar emoções. Todavia, o perfil lida diretamente com o ser humano e por isso precisa lidar com a realidade da subjetividade, afinal ao perfilar uma pessoa o repórter lida com pontos de vista, interpretações pessoais, memória e emoções de alguém. Diante disso, Silva (2017) conceitua que trabalhar subjetividade humana faz com que ele se classifique como parte do jornalismo literário.

É pela literatura que o perfil consegue transformar uma pessoa em personagem. No jornalismo, a pessoa que participa diretamente do enfoque é chamada de fonte. No entanto, as fontes na maioria dos casos atuam como complementos da informação dentro do jornalismo. Já quando se fala em perfil, a fonte assume o lugar de personagem. Transformar alguém em protagonista, para Vilas Boas (2003), é uma expressão artística e fazer isso dentro do jornalismo só é possível quando articulado à literatura, já que neste tipo de obra o personagem é fundamental.

O elemento diferenciador do perfil é o protagonista, que ganha espaço na narrativa e se torna o motivo principal do relato, independentemente de acontecimentos. Esse personagem não é dissecado nem esgotado pelo repórter, constituindo-se como um elemento de interesse cotidiano e momentâneo (AMATE, 2013, p.106).

O personagem, para o jornalismo, é como um instrumento que possibilita a interpretação do cotidiano. Para compreender isso, Silva (2010, p.4) analisa a etimologia da palavra persona que tem significado "próximo ao de máscara, ou seja, entidade tomada pelo indivíduo que variará segundo as convenções sociais". A partir disso, se o personagem é alguém que participa ativamente de uma comunidade, no campo da não ficção ele pode ser um reflexo real da sociedade.

Sobre os perfilados há algumas classificações acerca das personalidades abordadas em cada tipo de perfil. Sodré e Ferrari (1986, p. 6- 8) classificam como:

Personagem indivíduo: nesse tipo de texto o objetivo é posicionar o perfilado diante da vida, ressaltando seu comportamento e suas reflexões sobre a sociedade.

Personagem tipo: é o tipo texto que foca em alguém específico, normalmente celebridades (artistas, esportistas, políticos), buscando entender o porquê de sua fama.

Personagem criatura: esse tipo de perfil busca contar a história de alguém que foge do comum, com feitos mirabolantes e extraordinários.

Mini perfil: normalmente é usado em matérias para apresentar a figura que será entrevistada. O foco aqui está nos fatos e ações, o personagem é posto em segundo plano.

Multiperfil: é usado para destacar a personalidade, comum para celebrações de aniversário ou homenagens a falecidos. É uma forma de lembrar grandes feitos da vida do personagem.

Assim, a característica principal de um perfil é utilizar-se de um personagem. Essa figura, pública ou anônima, por algum motivo, torna-se importante a ponto do escritor achar que ela deve ser perfilada, ou seja, ter suas vivências transformadas em texto. Como em qualquer história, o protagonista participa de um enredo com início, meio e fim (ainda que seja permitido alterar a cronologia dos fatos). O desafio do jornalista é então, usar o viés literário, o qual não está habituado e ainda manter evidente o interesse jornalístico do relato do personagem.

Christofoletti, Hildebrand e Ormaneze (2015) chamam a atenção para o uso da técnica denominada "jornada do herói", no texto de perfil. Esse artifício, comum nas obras literárias, enxerga o protagonista como um herói que passa por etapas até chegar a seu destino final e mostrar seu valor. Até encerrar sua jornada e revelar ao leitor a relevância da experiência, que é interesse jornalístico, o herói precisa subir os degraus da própria história, o caminho com as experiências que o levarão até o destino final.

A diferença entre usar de tal artifício na literatura e no jornalismo está no fato de que o jornalismo deve se prender apenas em informações verídicas. Quando um escritor cria uma narrativa ficcional usando a jornada do herói, geralmente, constrói os episódios já pensando no clímax e o desfecho. No entanto, na vida real, nem sempre a cronologia dos fatos da vida do personagem será favorável a narrativa do herói. O compromisso do escritor não-ficcional está, então, em reunir as vivências costurá-las de uma forma que valorize o personagem e conquiste o leitor.

CARACTERÍSTICAS E TENDÊNCIAS

A humanização dos textos de perfil contribui diretamente para a despertar a empatia no leitor. Quando o leitor vê o relato de uma história pode se identificar com determinada vivência ou até com as emoções do personagem. Vilas Boas (2003, p. 14) conceitua empatia como a "preocupação com a experiência do outro, a tendência a tentar sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias experimentadas pelo personagem". Nessas circunstâncias, a reportagem-perfil faz quem está lendo conhecer o ponto de vista do perfilado, compartilhando suas alegrias e tristezas.

Vilas Boas (2003) destaca que, para o leitor, exercitar a empatia é favorável ao autoconhecimento. Isso porque, quando alguém descobre a perspectiva do outro e consegue se colocar no lugar dele acaba muitas vezes criando novas perspectivas sobre o assunto.

Silva (2017) também concorda que o perfil é um instrumento que proporciona maior entendimento social e pessoal. O autor salienta que qualquer vida, se abordada e explorada de forma correta, é interessante. Portanto, a visão mais aprofundada contribui tanto para o coletivo ao gerar empatia, quanto para o interno uma vez que promove reflexões sobre quem somos.

Para despertar empatia é preciso, então, criar mecanismos que despertem o sentimento e cause reflexões em quem está lendo. Desse modo, Abreu, Araujo e Silva (2016) compreendem que a construção do indivíduo dentro do perfil é indicial e a empatia aparece nos detalhes e não em todo o texto. O texto foca em alguns momentos mais relevantes da história de alguém e conduz o leitor pelas palavras para que ele vivencie esses episódios e sinta o que perfilado sentiu. A empatia nesse formato é, portanto, construída aos poucos e não concretizada de forma imediata no texto. O emissor precisa provocá-la no receptor.

Assim, compreende-se que o perfil é um texto que está atento aos detalhes e por isso é construído com mais elementos descritivos. A linguagem descritiva é fundamental para construir um texto como o perfil, em que se tem a presença de um personagem protagonista de uma história. A descrição nesse caso tem o mesmo papel exercido nos escritos ficcionais, o de fazer com que o leitor visualize a cena e até sinta o que o personagem sente. "Os detalhes de lugares, objetos e ambiente também dão a dose certa

das circunstâncias na narrativa, atributo necessário à construção do clima em que se surgem as ações do perfilado" (AMATE, 2013, p. 48).

Ainda sobre a construção narrativa, Silva (2017) acredita que o texto narrado, descritivo e com diálogos ajudam a estabelecer uma conexão maior com o leitor. Além de instigar, o autor discorre que essas ferramentas estabelecem uma conexão maior entre o leitor e o perfilado, pois oferecem uma compreensão maior sobre o personagem principal.

Contudo, Christofolletti, Hildebrand e Ormanzeze (2015) consolidam que mesmo o perfil sendo um texto descritivo e que permite a narração em terceira pessoa, ele não pode deixar de usar as técnicas jornalísticas. Ao passo que também não pode dispensar os recursos literários. Os autores concluem que o perfil que ignora uma dessas duas facetas pode acabar se transformando em uma obra ficcional ou um texto jornalístico convencional. Tendo em vista que o perfil cumpre funções tanto jornalística quanto literárias, entende-se a importância de utilizar a linguagem descritiva para narrar fatos não ficcionais.

Utilizar-se da linguagem descritiva em uma obra não-ficcional exige que o jornalista fique muito mais atento do que está acostumado. Além do relato oral, é preciso observar expressões, gestos, tom de voz e tudo o que possa ser descrito dentro do texto. Se o objetivo é mergulhar na vida do entrevistado e tentar compreender seus sentimentos, a observação do entrevistador é primordial.

Abreu, Araujo e Silva (2016, p. 9) observam o perfil como um retrato de alguém, assim ele se concretiza como um "produto estático que visa a captura de uma figura móvel". Esse retrato pode ser considerado mais instável que o fotográfico já que não é captado apenas por um clique, demanda uma de longa narrativa. Consequentemente, para construir um retrato fiel a realidade é necessário atentar-se aos detalhes da vida do perfilado e também a maneira como ele se expressa.

O fato de os atos e as reações de uma personagem deixarem transparecer, ainda que maneira fluída, as suas características, tem enorme importância na estruturação de um perfil. É a possibilidade de descrever uma pessoa contando o que ela fez e como faz, permitindo a incorporação num texto descritivo de trechos narrativos. São recursos consideráveis. (VILAS BOAS, 2003, p. 29).

Para descrever com tal eficácia, a observação é a grande ferramenta do repórter. Para Amate (2013) a partir dela que podem ser retiradas características físicas e psicológicas do personagem. Durante a entrevista é possível perceber, por exemplo, momentos em que o perfilado não se sente à vontade em responder uma pergunta ou assuntos nos quais ele se emociona em falar. A partir dessas percepções astuciosas, o autor consegue descrever melhor o personagem para o leitor.

Além de ser importante para captar o leitor, a linguagem descritiva também contribui para construir um conteúdo mais real possível e com mais credibilidade, afinal quanto mais informações um texto possui menos ele pode ser questionado. Silva (2017) garante que, sendo famoso ou não, é importante estar atento a todos os detalhes na hora da entrevista com o perfilado, pois é desta maneira que o autor constrói um retrato mais fiel ao real para circular na mídia.

Para construir um perfil jornalístico é preciso estar atento aos elementos imprescindíveis de qualquer trabalho autoral. Vilas Boas (2003) nomeia esses processos de criação como multidimensionais, os quais combinam-se memória, conhecimento, imaginação, síntese e sentimentos. Esses elementos são tão importantes quanto as técnicas jornalísticas e literárias e envolvem o autor, o perfilado e o leitor.

Uma vez que o perfil utiliza recursos mais artísticos, de influência literária é notório a presença dos recursos citados dentro do texto. A memória está ligada diretamente ao relato do perfilado, que viaja pelo passado e presente, resgatando sentimentos e vivências. O conhecimento está relacionado a função do jornalista citada no início deste artigo de conhecer uma realidade e transmiti-la a quem não conhece. A imaginação é o que valida o uso da linguagem descritiva, já que é por meio dela que o retrato será construído. A síntese está em selecionar episódios do entrevistado que são mais relevantes para a história.

Quanto ao sentimento, Vilas Boas (2003) entende que a frieza e o distanciamento são altamente nocivos, é preciso envolver-se para sentir. Logo, é função do autor de perfil mergulhar na história de quem está contando para conseguir transmitir isso para quem está lendo. Por mais que haja uma convenção social dentro da profissão na qual o

jornalista não deva criar conexões com a fonte, quando se trata de um texto focado no personagem a conexão é inevitável e fundamental.

Também é preciso fixar que uma das preocupações que o jornalista deve ter na hora de escrever uma reportagem-perfil, é fazer com que o texto fique retido na memória de quem lê. Vilas Boas (2003) identifica quatro elementos que ficam memorizados pelo leitor, sendo eles: a lembrança, que flui a história; o espaço, a geografia do encontro; a circunstância, que é o momento significativo da vida do perfilado e a interação, que leva a expressão (facial, gestual, uma opinião, etc).

METODOLOGIA

Com a intenção de alcançar os objetivos traçados, foram utilizados métodos científicos de pesquisa. Segundo Gonsalves (2001), metodologia vem de Méthodos, que significa caminho para chegar a um fim e logos quer dizer estudo sistemático ou investigação. Portanto, no sentido etimológico da palavra, significa estudar o caminho a ser percorrido com os procedimentos e técnicas escolhidos.

Para Gil (2008, p. 9) a escolha de um método depende de diversos fatores, sendo esses a natureza do objeto que se pretende pesquisar, os recursos materiais disponíveis, o nível de abrangência do estudo e também a inspiração filosófica do pesquisador. O conteúdo utilizado para as reflexões teóricas desta pesquisa foi retirado de artigos, livros e e-books sobre as palavras-chave escolhidas.

Para percorrer o caminho desse estudo foi escolhida a pesquisa bibliográfica. Esse tipo de pesquisa é usada para embasar e construir pensamentos teóricos sobre o tema. É por meio dela que o pesquisador encontra os dados e estudos que precisa para desenvolver os próprios argumentos. Stumpf (2011, p.51) conceitua pesquisa bibliográfica como o planejamento inicial de qualquer pesquisa, que vai desde a obtenção da bibliografia sobre o assunto, até a apresentação de um texto sistematizado, no qual o pesquisador evidencia o que concluiu do pensamento dos autores e acrescenta suas próprias opiniões. A partir da ideia dos autores, é possível embasar as teses do pesquisador e torná-las concretas e científicas.

A consulta bibliográfica, segundo Stumpf (2011, p.52), é "uma atividade que acompanha o investigador, o docente e o aluno e, ao mesmo tempo, orienta os passos que devem seguir". A autora defende que essa pesquisa se faz necessária para que o aluno estabeleça as bases que serão avançadas. Para isso é preciso conhecer o que já existe revisando leituras já existentes.

Gil (2008, p. 50) alerta que a principal vantagem da pesquisa bibliográfica está no fato dela permitir ao investigador "a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente". De acordo com o autor, esse tipo de pesquisa também é vantajoso em relação aos estudos históricos, já que muitas vezes é a única maneira de conhecer fatos do passado.

Como este artigo, utilizou reflexões teóricas que podem ser interpretativas e subjetivas, também foi utilizada a pesquisa qualitativa. Gonsalves (2001) classifica a pesquisa qualitativa como uma tipologia que segue a natureza dos dados. A pesquisa qualitativa foi escolhida para essa pesquisa porque não trabalha com dados objetivos, mas, sim, interpretativos. A pesquisa qualitativa preocupa-se com a compreensão do fenômeno, "considerando o significado que os outros dão às suas práticas, o que impõe ao pesquisador uma abordagem hermenêutica" (GONSALVES, 2001, p. 68).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um mundo em que a circulação de informação é cada vez mais rápida e compacta, é preciso manter vias alternativas de produção de conteúdo jornalístico que tenham espaço para explorar melhor um tema e sensibilizar o leitor. O perfil jornalístico, ao mesclar o jornalismo com a literatura, contribui para criar textos com mais sensibilidade, e assim, provocar a empatia do leitor e instiga-lo a conhecer e entender mais sobre o assunto abordado.

A reportagem-perfil, como visto, não dispensa as características jornalísticas. No entanto, utiliza-se também de recursos literários para construir um texto mais descritivo, mais emocional e principalmente, com o protagonismo humano. O uso do personagem é a principal particularidade deste tipo textual e é isto que justifica sua importância, visto que é por meio da vivência do personagem que é possível fazer com que o leitor se identifique.

É possível perceber, então, que o perfil também agrega possibilidades diferenciadas ao conteúdo, principalmente em relação ao texto. Utilizando a linguagem descritiva, ele permite explorar as emoções, gestos e expressões do entrevistado para criar uma narrativa mais detalhista. Ademais aproximasse da literatura ao permitir "brincar" com o texto com músicas, poesias e até ignorar a ordem cronológica de início, meio e fim.

Prender-se ao mesmo tipo de informação, muitas vezes, acaba por “acomodar” o leitor, o que faz com que ele encare a notícia, o tema, como “mais do mesmo”. O que é comum pode ser útil, mas nem sempre desperta interesse. Por vezes, é preciso recorrer à outras alternativas para que o leitor dê a devida atenção a um assunto específico, ou a realidades específicas, como a vida de pessoas que são pouco abordadas na mídia. Desta forma, ainda que seja um desafio quebrar as práticas convencionais, o perfil acaba sendo uma oportunidade indispensável para criar conteúdos diferenciados e mais humanos.

REFERÊNCIAS

ABREU, Luís Felipe Silveira de; ARAUJO, André Correa da Silva de; SILVA, Alexandre Rocha da. **Do perfil jornalístico à escrita biográfica: vida em detalhes**. Bahia: Contemporânea comunicação e cultura, 2016. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/13845/11082> > Acesso em: 7 de set de 2020.

AMATE, Tiago. **Perfilar coisas: o inumano no centro da narrativa jornalística**. Brasília: UNB, 2013. Disponível em: <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/6484/1/2013_ElissonTiagoBarrosAmate.pdf > Acesso em: 7 de set de 2020.

CHRISTOFOLETTI, Danilo; HILDEBRAND, Julio; ORMANEZE, Fabiano. **A utilização dos pilares do jornalismo literário na construção de perfis jornalísticos**. Rio de Janeiro: Intercom, 2015. Disponível em: < <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-2317-1.pdf> > Acesso em: 5 de set de 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Altas, 2008.

GONSALVES, Elisa Pereira. Conversa sobre iniciação à pesquisa científica. Campinas, SP: Edit LENE, Hérica. **O personagem em destaque**. Observatório da Imprensa, 2006. Disponível em <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/o-personagem-em-destaque/>> Acesso em: 18 de set de 2020.ora Alínea, 2001.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. [E-book]. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

PEREIRA, Gustavo Teixeira de Faria. Cap. **Jornalismo literário**. Redação jornalística e a sociolinguística. Porto Alegre: SAGAH, 2019.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011. cap. 3, p. 51-61.

SILVA, Amanda Tenório Pontes da. **O perfil jornalístico como uma leitura do cotidiano**. Campina Grande, PB: Intercom, 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2010/resumos/R23-0196-1.pdf>> Acesso em: 7 de set de 2020.

SILVA, Matheus Campos da. **Análise do perfil jornalístico na revista Piauí e Veja**: dos protagonistas do cotidiano às celebridades e figuras públicas [E-book]. São Paulo: Paulus 2017. Disponível em: <<https://www.fapcom.edu.br/wp-content/uploads/2017/11/Ebook-FAPCOM-Ana%CC%81lise-do-perfil-jornali%CC%81stico-na-revista-Piaui%CC%81-e-Veja.pdf>> Acesso em: 13 de set de 2020.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

VILAS BOAS, Sergio. **Perfis**: e como escrevê-los. São Paulo: Summus, 2003.